

## **HISTÓRIA DA ALFABETIZAÇÃO: AS ESPECIFICIDADES DO MUNICÍPIO DE CANÁPOLIS-MG**

VANESSA FERREIRA SILVA ARANTES\*  
SÔNIA MARIA DOS SANTOS\*\*

### **Introdução**

Esta pesquisa aborda, em sua problemática a questão, como o processo de alfabetização vem se construindo historicamente no município de Canápolis-MG, durante o período de 1933 a 1971. A mesma objetivou investigar o processo histórico da alfabetização no período delimitado, apoiando-se em fontes primárias (cartilhas de alfabetização) e secundárias (os documentos encontrados no Arquivo Público Municipal de Canápolis, dentre eles, livros de atas de reuniões pedagógicas das escolas de Canápolis, leis e decretos municipais, cadernos de planejamento de professores, livro de posse de professores, diários de classe, regulamento de ensino, periódicos e documentos similares.

O recorte cronológico inicial se justifica por ser o momento em que foi criada a primeira escola primária no município pesquisado, assim como por ser um período em que o ideário pedagógico renovador ganha força em nosso país, e se estende a 1971, ano de reforma da LDB-5.692/71, que instituiu mudanças expressivas na educação brasileira, reformando o ensino de 1º e 2º graus. O estudo procurou também mapear as cartilhas mais utilizadas no município no período delimitado, onde foram localizados três exemplares: Cartilha da Infância, O Livro de Lili e As Mais Belas Histórias – Os Três Porquinhos. Após o mapeamento das cartilhas procuramos cotejar as concepções teórico-metodológica existentes nestas.

Para tanto, optou-se pela pesquisa bibliográfica e documental, com abordagem qualitativa apoiando-se no referencial teórico-metodológico do materialismo histórico-dialético, visto que o mesmo proporciona entender a conjuntura do objeto, possibilitando sua visão contextual. Utilizamos também os aportes teóricos dos estudos de Frade e Maciel (2006), Maciel (2000), Mortatti (1999, 2000 e 2006), Romanelli (2012), Santos (2001), Saviani (2008), Soares (2000) e

---

\* Mestra em Educação / Coordenadora Pedagógica da Secretaria Municipal de Educação de Canápolis-MG e Professora da disciplina de TCC do curso de Especialização de Educação de Jovens e Adultos na Diversidade pela Universidade Federal de Uberlândia- UFU.

\*\* Pós- Doutora em Educação / Docente permanente do curso de Mestrado e Doutorado da FAGED\UFU- Universidade Federal de Uberlândia.

outros. Em síntese, procuramos revelar a história e memória da alfabetização em Canápolis-MG, no período pesquisado, dando vozes às cartilhas e aos documentos utilizados.

### **Os caminhos e os achados da pesquisa**

A ausência de pesquisas históricas na alfabetização, nos levam a concordar com Soares(1985), quando a mesma afirma que o tema é abrangente e complexo, porém pode ser analisado de diferentes facetas. Em nosso estudo, nos deparamos com algumas restrições, a primeira foi a ausência de trabalhos historiográficos e, a outra dificuldade, a mais significativa, foi localizar as fontes; o problema em encontrar materiais didáticos, livros de atas, cadernos de plano e principalmente as cartilhas utilizadas no início do século XX, foi o maior contratempo que encontramos. Acreditamos que tal fato esteja relacionada com a dificuldade em que população de maneira geral, e neste caso, em especial os professore/as, diretores/as, supervisores/as têm em acumular materiais que não utilizam mais. Assim, eles priorizam os contemporâneos de uso diários, fazendo com que os documentos mais antigos sejam arquivados em lugares desconhecidos pela equipe atual da escola ou até mesmo descartados.

A cartilha enquanto recurso material para o processo de ensino e leitura foi considerada relevante em nosso país, tornando-se essencial instrumento ao fenômeno de alfabetização, vindo a conquistar seu espaço ampliado no meio escolar ao longo dos séculos XIX e XX.

Podemos verificar que as cartilhas, por mais que tenham alterado seus métodos, bem como realizado modificações externas e gráfico-didáticas durante todo processo histórico, procurando aprimorar e atualizar vários de seus aspectos, e de suas particularidades, especialmente no que tange à concepção de alfabetização, permaneceu inalterada sua condição de indispensável instrumento de consolidação de determinada concepção e método, ou seja, da sequência necessária de passos predeterminados para o ensino e a aprendizagem da leitura e escrita.

Portanto, no que se refere à história da alfabetização no Brasil, as cartilhas são fontes proeminentes, mesmo que tenham sofrido pequenas modificações, os aspectos considerados universais e que caracterizam a cultura escolar de nosso país prevaleceram.

Amâncio evidencia essa afirmação, confirmando que “a cartilha é um recurso didático que foi incorporado ao processo de ensino da leitura e da escrita como algo natural” (AMANCIO, 2002:14). Sendo considerado por toda história, e permanecendo em nossos dias, como um material didático de referência no processo de alfabetização, mesmo utilizado de forma mascarada, pois os docentes relatam não mais utilizá-las no processo de alfabetização, mas observamos em seus materiais didáticos, os “caderninhos de leitura”, que na verdade nada mais são que as cartilhas reproduzidas por folhas fotocopiadas.

Situando-as como nosso objeto de estudo, podemos verificar que as mesmas com suas especificidades e complexidades, oferecem subsídios para compreendermos numa perspectiva histórica as concepções do processo de ensino da leitura e da escrita, pois elas nos fornecem indícios capazes de contribuir no entendimento de questões relacionadas ao processo de alfabetização, em um determinado período que se proponha investigar.

Frade reafirma nossa proposta de objeto de pesquisa, asseverando que: “conforme estudos sobre a história do livro e da leitura, sabemos que é possível, partindo da presença de um livro, sair para dimensões de fora dele” (FRADE, 2003:3).

Ainda Frade e Maciel (2006), em uma abordagem histórica sobre as cartilhas, também vem responder a uma necessidade de construir mais organicamente uma história do livro e da leitura e das práticas editoriais no Brasil, uma vez que se trata de impressos que passam por um ciclo de produção, circulação e divulgação dependente de necessidades pedagógicas, mas também comerciais e culturais.

Assim como as cartilhas, os documentos também foram fontes importantíssimas em nossa pesquisa, pois os mesmos possuem uma riqueza de informações, onde extraímos e resgatamos um melhor entendimento do nosso objeto, cuja compreensão necessitou de uma contextualização histórica e sociocultural. Cellard, 2008 ressalta a importância do documento escrito, considerando-o como,

*[...]uma fonte extremamente preciosa para todo pesquisador nas ciências sociais. Ele é, evidentemente, insubstituível em qualquer reconstituição referente a um passado relativamente distante, pois não é raro que ele represente a quase totalidade dos vestígios da atividade humana em determinadas épocas. Além disso, muito freqüentemente, ele permanece como o único testemunho de atividades particulares ocorridas num passado recente (CELLARD, 2008: 295).*

Por tanto, depois de uma garimpagem incansável nos arquivos públicos municipais encontramos algumas pistas de nossas fontes, fomos em busca das mesmas, e após localização, análise, apreciação e estudo, apresentaremos a seguir o contexto histórico da alfabetização canapolina dando vozes aos documentos e as cartilhas.

### **1º Período (décadas de 1930 e 1940): resquícios do método sintético**

Este primeiro período de nosso estudo sobre a alfabetização canapolina, foi marcado pela contradição entre defendido e utilizado, apesar de concentrar-se em um momento em que os ideários renovadores estavam a todo pavor, ainda localizamos uma fase de trabalho valendo-se de métodos tradicionais. Tradicional no sentido de que o processo de aprendizagem era voltado ao ensino da leitura, de forma mecânica. A preocupação se concentrava apenas nas técnicas para decifrar textos.

Para melhor compreendermos esta questão metódica, nos reportamos a Mortatti, que tão claramente classifica-os,

*Os métodos de alfabetização, como se sabe, podem ser classificados em dois tipos básicos: sintético (da “parte” para o “todo”) e analítico (do “todo” para a “parte”). Dependendo do que foi considerada a unidade lingüística a partir da qual se devia iniciar o ensino da leitura e escrita e do que se considerou “todo” ou “parte”, ao longo da história da alfabetização no Brasil, foi-se sedimentando a seguinte subdivisão classificatória desses métodos: métodos sintéticos (de marcha sintética): alfabético, fônico, silábico; e métodos analíticos (de marcha analítica): palavração, sentencição, historieta, conto. (MORTATTI, 2008:94).*

Ainda, valendo-se dos estudos de Mortatti, em sua obra julgada por nós, como o principal estudo da história da alfabetização brasileira “*Os sentidos da Alfabetização*”, tentaremos evidenciar a divisão por período de anos desse complexo movimento histórico de métodos de alfabetização, que ela tão bem estruturou em quatro momentos cruciais.

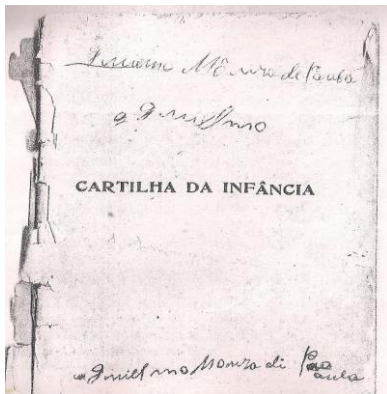
*Esses momentos e suas principais características são, muito resumidamente: 1º. momento (1876 a 1890) — disputa entre defensores do então “novo” método da palavração e os dos “antigos” métodos sintéticos (alfabético, fônico, silábico); 2º. momento (1890 a meados da década de 1920) — disputa entre defensores do então “novo” método analítico e os dos “antigos” métodos sintéticos; 3º. momento*

*(meados dos anos de 1920 a final da por anos e a utilização dos métodos para alfabetizar década de 1970) — disputas entre defensores dos “antigos” métodos de alfabetização (sintéticos e analíticos) e os dos então “novos” testes ABC para verificação da maturidade necessária ao aprendizado da leitura e escrita, de que decorre a introdução dos “novos” métodos mistos; 4º. momento (meados da década de 1980 a 1994) — disputas entre os defensores da então “nova” perspectiva construtivista e os dos “antigos” testes de maturidade e dos “antigos” métodos de alfabetização. (MORTATTI, 2008: 96).*

Julgamos necessário esta primeira explanação da autora sobre os períodos históricos, pois, a partir destes podemos relacionar as cartilhas selecionadas com suas concepções metódicas do momento em questão.

Não localizamos documentos oficiais que comprovassem sistematicamente quais cartilhas utilizadas nesse 1º período, porém, tivemos a “sorte” de encontrarmos um exemplar (Cartilha da Infância) guardada a “sete chaves” pelo senhor Guielmo Moura de Paula, que a utilizou em sua alfabetização, neste período, mais precisamente na década de 40.

Capa principal da Cartilha da Infância  
Edição de número 194ª



Folha de rosto da Cartilha da Infância  
Edição de número 194ª



Fonte:  
Arquivo Pessoal de Guielmo Moura de Paula

Percebe-se a perpetuação deste manual de ensino de leitura por mais de um século. Sendo a mesma adotada primeiramente e oficialmente pelo governo Paulista, porém percorreu pelo estado mineiro, assim como pelo município da pesquisa.

O manual de 64 páginas medindo 20x15, uma verdadeira caderneta, sem cores, é baseada no método Sintético, que de acordo com Mortatti, 2000, o ensino parte das partes para o todo. Explicitando a preferência pelo método de ensino adotado, o autor argumenta:

*Dos três métodos de ensino da leitura, antigo ou da soletração, moderno ou da silabação, e moderníssimo ou da palavração, escolhemos o meio termo, sobre cujas bases foi escrito o presente sistema. Razão tivemos para esta preferência. O método antigo é o método do absurdo. [...] Procuramos ser metódico, apresentando as dificuldades gradativamente, e intercalando em todos os exercícios, para evitar esquecimento por parte do aluno, os elementos conhecidos nas lições anteriores. É a recordação contínua. Apresentamos salteadas, todas as sílabas para evitar a decoração inconsciente, que consegue idiotizar meninos inteligentes e ativos. É a indecoraç o constante. Não temos necessidade de repetir que nosso trabalho tem por base o método silábico. (GALHARDO, 1939:5-8)*

Os resultados da análise da Cartilha da Infância, aos quais apresentamos, nos possibilitaram a compreensão de um importante momento histórico da alfabetização no Brasil, assim como em Minas Gerais e por fim em Canápolis, município mineiro.

Foi possível constatar a presena do método sint tico (silabao) na alfabetizao canapolina, neste período. A Cartilha da Infância, foi uma das primeiras concretizaes de aplicao prática da proposta de silabao para o ensino inicial da leitura, defendido pelo autor da cartilha como o método mais eficiente e mais adequado para ensinar a ler.

A decorao e a memorizao faziam parte deste método de ensino da leitura, nesse processo era necessário repetir para memorizar e assim decorar. A valorizao do ensino se dava por partes, letras do alfabeto, sílabas, sentenas e lies, como unidade de significao, que uma vez conhecidas, deviam ser repetidas por meio do treino oral.

Concluímos que, este período da educao canopolina é marcada pela concepo metodológica sint tica. Mortatti, tão bem esclarece,

*Para o ensino da leitura, utilizavam-se, nessa época, métodos de marcha sint tica (da "parte" para o "todo"): da soletrao (alfabético), partindo do nome das letras; f nico (partindo dos sons correspondentes às letras); e da silabao (emissão de sons), partindo das sílabas. Dever-se-ia, assim, iniciar o ensino da leitura com a apresentao das letras e seus nomes (método da soletrao/alfabético), ou de seus sons (método f nico), ou das famílias silábicas (método da silabao), sempre de acordo com certa ordem crescente de dificuldade. Posteriormente, reunidas as letras ou os sons em sílabas, ou conhecidas as famílias silábicas, ensinava-se a ler palavras formadas com essas letras e/ou sons e/ou sílabas e, por fim, ensinavam-se frases isoladas ou agrupadas. Quanto   escrita, esta se restringia   caligrafia e ortografia, e seu ensino,   cópia, ditados e formao de frases, enfatizando-se o desenho correto das letras. (MORTATTI, 2006:5).*

## **2o Período (décadas de 1950, 1960 e 1970 ): predomin o do método analítico**

A educação neste momento estava centrada nos ideários pedagógicos da Escola Nova que tinha como bases metodológicas o embasamento em pesquisas científicas realizadas no campo da psicologia, onde o processo ensino-aprendizagem é centralizado no aluno. Onde o termo democratização deixa de ser compreendida como ampliação do acesso à escolarização, para ser compreendida como respeito ao aluno no processo de aprendizagem.

Mortatti, contribui com o esclarecimento sobre esse novo método de alfabetização tão discutido,

*Diferentemente dos métodos de marcha sintética até então utilizados, o método analítico, sob forte influência da pedagogia norte-americana, baseava-se em princípios didáticos derivados de uma nova concepção – de caráter biopsicofisiológico – da criança, cuja forma da apreensão do mundo era entendida como sincrética. (MORTATTI, 2006:7).*

Esta inovação da concepção Escola Nova traz consigo o lema de qualidade em detrimento a quantidade. Esse fato, faz surgir várias propostas de discussão a respeito do fenômeno da alfabetização, o que leva esse movimento a apresentar novas técnicas/métodos de ensino. Esses novos métodos do processo de ensino da leitura e da escrita, foram rediscutidos, “para os idealizadores do movimento escolanovista, o método que melhor se adequava ao ensino era o método global” (MACIEL, 2000:152) .

Neste contexto, percebemos a desconstrução de um processo de ensino-aprendizagem baseados na Marcha Sintética (silabação) para uma nova concepção da marcha Analítica. Mortatti tão bem explicita,

*De acordo com esse método analítico, o ensino da leitura deveria ser iniciado pelo “todo”, para depois se proceder à análise de suas partes constitutivas. No entanto, diferentes se foram tornando os modos de processuação do método, dependendo do que seus defensores consideravam o “todo”: a palavra, ou a sentença, ou a “historieta”. (MORTATTI, 2006: 7).*

O método analítico pode ser subdividido em três dimensões de ensino de acordo com a unidade linguística que se considera como todo. O primeiro a palavração (parte da palavra) , em segundo a sentencição (parte da sentença/frase) e por fim o global (parte da historieta - que apresenta uma ideia de textos, com sequencia de início meio e fim).

Nosso estudo, neste período, localiza as evidências de um princípio de adesão a este processo metódico de ensino-aprendizagem no município. Vejamos a ata de reunião de



professores no dia nove de março de 1957, do Grupo Escolar Alvarenga Peixoto, coordenada pela senhora diretora Maria Magdalena Mara Danagemma,

*1º- As professoras do 1º ano como ensinar as crianças por meio de cartazes formando frases de acordo com a Cartilha adotada, para que a criança possa conhecer as palavras decoradas, abolindo a soletração. (ATA REUNIÃO ESCOLAR, 1957:3)*

Juntamente com a adesão ao “método novo” assim denominado pela equipe do Grupo Escolar, surge também a preocupação com a capacitação dos professores para atuarem com o diferente processo de ensino, “nesta reunião, verificou-se a presença de tódas, e então houve início da palestra, sôbre o método novo de aprendizagem dos alunos, inclusive a disciplina em classe”.(ATA REUNIÃO ESCOLAR, 1957:6)

Percebemos também a presença em massa do gênero feminino, na alfabetização canopolina, quanto é feita a afirmação, “verificou-se a presença de tódas”, referindo-se às professoras.

Nossos achados evidenciam a preocupação da diretora Norma Alvarenga, com a nova concepção metodológica, a mesma afirmam às professoras “sobre os métodos modernos que devemos empregar nas aulas, principalmente as professoras do 1º ano que deverão ser mais psicólogas ao tratarem seus alunos problemas”(LIVRO ATA, 22/03/60:21).

Essa metodologia que envolve o processo global de acordo com Mortatti (2008), foi instituído em São Paulo, no ano de 1915, mediante a publicação do documento *Instruções praticas para o ensino da leitura pelo methodo analytico – modelos de lições*, porém o mesmo se expandiu por vários estados brasileiros, incluindo Minas Gerais. Este documento priorizava a "historieta" como essência e ponto de partida para o ensino da leitura.

Mesmo fazendo parte do método Analítico, esse processo global que iremos agora denominar de “Método Global”, se diferencia em questões básicas.

Até o momento o município de Canápolis caminhou em um nível retardatário em relação às mudanças metodológicas iniciadas no Brasil, assim como em Minas Gerais. Não sendo diferente em relação à adoção ao método global, que inicia suas discussões no município pesquisado 45 anos após a institucionalização no estado paulista. Já na década de 60, mais precisamente em 08 de agosto. Como vemos a afirmação da diretora Norma Alvarenga, que usando de suas atribuições, faz orientações em prol da educação naquele

estabelecimento de ensino, e ressalta “ 3º- Método Global para o 1º ano eliminando a cartilha e adotando “O Livro da Lili” e ainda continua “4º- Centro de Interesse – Cartaz, Jogos, desenhos, afim de melhorar o aprendizado” ( LIVRO ATA, 08/08/1960:28).

A referência para o processo de alfabetização canopolina concentrava-se no método Global. Nos reportamos a Maciel (2001), que esclarece,

*O Método Global de Contos tem como principal característica iniciar o processo de alfabetização por textos com sentido completo, por um todo, isto é, por frases ligadas pelo sentido, formando um enredo, constituindo uma unidade de leitura. Para atender a essa característica, a historieta ou conto deveria ser sobre um tema estimulador e de acordo com os interesses infantis: vida familiar, brinquedos, aventuras reais e maravilhosas com outras crianças, etc. (MACIEL, 2001:121)*

Mesmo utilizando o Método Global para o processo de ensino da leitura e escrita, o qual era considerado pelos idealizadores do movimento escolanovista como o mais eficiente para o ensino na época, a preocupação com o nível de prontidão das crianças em relação à alfabetização emergiam no município. Se tornava fundamental o educador conhecer o nível individual de cada criança, para assim desenvolver atividades que garantissem a eficácia da aprendizagem.

Parte da ata de reunião do Grupo Escolar Alvarenga Peixoto, evidencia a preocupação com a aplicação destes testes,

*3º) As classes de 1º ano serão divididas em duas turmas de características diferente: 1º ano Preliminar e 1º ano Básico, em cujas classes serão aplicados “Testes” especialmente preparados por “Técnicas”, no 2º Agrupamento de Inspeorias, com sede Uberlândia. (ATA de 11/11/1961, p.45, grifo do autor).*

Sobretudo é através dos ideários psicológicos de Lourenço Filho e do seu livro *Testes ABC* que compreenderemos melhor este procedimento educacional.

Carlos Monarcha, 2001 descreve precisamente as características destes testes,

*Os testes ABC podem ser analisados como instrumento de uma nova psicometria articulada ao tratamento estatístico, que visa identificar, lógica e objetivamente, a variedade mental e se fundamenta no conceito de maturação; contém oito provas destinadas a medir os atributos particulares do escolar, a fim de assinalar as deficiências particulares de cada criança, para a organização eficiente das classes escolares. (MONARCHA, 2001:31).*

Assim, após verificado este grau de maturidade infantil através da “coordenação visivo-motora, memória imediata, memória motora, memória auditiva, memória lógica, prolação, coordenação motora; e mínimo de atenção e fatibilidade” (MONARCHA, 2001,

p.31), estas crianças eram divididas em classes homogêneas de acordo com sua condição intelectual.

Em se tratando da homogeneização nas classes de 1º ano, nos reportamos a nossa realidade,

*a pedido das educadoras, a diretora determinou que deverão proceder um reajuste de alunos entre as classes de 1ª séries. As classes deverão ficar uniformes, não deverão aceitar alunos de um nível mais elevado no meio dos atrasados e vice-versa. (ATA de 19/08/1967)*

A concretização e aplicação do Método Global em Canápolis é evidenciada na IV reunião oficial do corpo docente do município, em 21 de março de 1964, onde lê-se:

*3º) Foi nos aconselhado também por D.Salma: a) Que determinadas classes do Grupo sofram uma pequena modificação, sendo que as duas normalistas regentes no Grupo, ocupe uma a 1ª série para a aplicação do método Global. (ATA de 21/03/1964:13, grifo do autor.)*

Verificamos também a capacitação por parte da direção escolar em reuniões que abordassem a nova metodologia de ensino da leitura e escrita. Vejamos:

*(...) gostou muitíssimo e achou de grande valor instrutivo as modificações e explicações discorridas durante a “Semana Pedagógica”, em que ela tomou parte do dia sete à trêze dêste, na cidade de Uberlândia. Fez referência o novo método que deverá ser aplicado na 1ª série. (ATA de 19/08/1967, p. 11, grifo do autor).*

Outra característica marcante do Método Global é confirmada nas práticas de alfabetização canapolina, “As provas de Leitura Oral de (1º ano) seriam antes do dia 30” (LIVRO ATA, 22/11/1966:47, grifo do autor).

A característica marcante do Método Global - preocupação com a leitura – também é centralizada no município pesquisado, através da fundação do Clube de Leitura

*Aos 22 (vinte dois) dias do mês de julho de 1958 {hum mil novecentos e cinquenta e oito} realizou-se no prédio do Grupo Escolar “Alvarenga Peixoto”, [...], uma reunião sôb a presença de todas as professôras [...] para a fundação do clube de leitura, cujo foi denominado “Clube de Leitura Rui Barbosa”. (ATA de 22/07/1958, p.2).*

O Clube de Leitura é também atributo da nova concepção moderna de educação que emergia no município, Veiga (2007) elucidada,

*o método ativo teve seus princípios implantados aos poucos nas escolas públicas, com as atividades a ele inerentes, como excursões, trabalhos manuais, uso de recursos audiovisuais (entre eles, projetores de slides e de filmes), teatro, aulas de desenho, jogos e dança nas aulas de educação física, cultivos de hortas, organização dos “pelotões de saúde”, de “clubes de leitura” etc. (VEIGA, 2007: 277)*

A orientação geral por parte da direção do estabelecimento de ensino em relação às classes de alfabetização centrava-se nas práticas de leituras,

*Leitura na 1ª série – é necessário que as regentes de 1ª série tenham bastante interesse em ensinar os alunos a ler bem. Só sabendo ler é que os alunos poderão desenvolver em todas as matérias. A maior parte da aula deverá ser de leitura, bem motivada. A profª. Deverá fazer cartaz todos os dias da leitura, fichas com sentenças, palavras, sílabas e treinar muito com seus alunos. [...] Depois de bem preparados para a leitura, fazer cópia do cartaz com letra bem legível. (ATA, 03/03/1973:116).*

Este período de estudo no município pesquisado foi marcado, pela utilização do Método Global para o processo de alfabetização, assim como pela utilização das cartilhas e/ou pré-livros de alfabetização - *Livro da Lili* e *Três Porquinhos* que evidenciam em suas estruturas a concepção metodológica discutida.

Capa do Livro de Lili – edição de 1961. Fonte: Arquivo da Biblioteca da Faculdade de Educação da UFMG/BH



O *Livro de Lili* nasceu a partir dos ensinamentos praticados no curso de formação que a sua autora Anita Fonseca, recebeu na Escola de Aperfeiçoamento de Minas Gerais. Ele foi a produção de maior destaque do concurso de um pré-livro organizado por Lúcia Casasanta, a maior divulgadora do Método Global em nosso estado. Ele é uma cartilha baseada na concepção metodológica analítica que é utilizada pela nova compreensão educacional do período. A mesma adota uma das dimensões de ensino do método analítico, o global, que aqui também nomearemos de Método Global baseado em contos e historietas.

Os princípios para o ensino da leitura e da escrita nesta cartilha são embasados na concepção pedagógica defendida por Lucia Casasanta, que se norteava pelos pressupostos de

Decroly que considera que a aprendizagem das crianças ocorre mediante três operações intelectuais: “[...] a observação, a associação de ideias e a expressão, um ciclo de atividades mentais que definem o processo de aprendizagem da criança” (MACIEL, 2001: 96).

Ainda Maciel (2001) sobre este método afirma,

*[...] Ao professor fica no entanto não a mera fiscalização ou assistência, mas o papel de guia, de orientador da criança. O professor supre o livro, mas vai muito além porque orienta a inteligência da criança impedindo que ela se disperse em objetos sem proveito (MACIEL, 2001: 98).*

Fica claro nas atividades da cartilha *Livro de Lili* a preocupação constante com os segmentos do Método Global, texto ⇔ palavras ⇔ sílabas.

Uma novidade apresentada na cartilha *Livro de Lili* foi o manual do alfabetizador em volume separado do manual do aluno. Este manual trazia avanços para atividades pedagógicas da época, como os cartazes e os cadernos de ficha. Maciel salienta, “O Livro de Lili – manual da professora é um verdadeiro tratado metodológico sobre o Método Global” (MACIEL, 2001:143). Este manual enfatiza valores psicopedagógicos ao processo de alfabetização, o que esclarece a relação do Método Global ou ainda Analítico, com as bases fundamentadas na Psicologia.

O conteúdo apresentado nas cartilhas em forma de historietas e/ou imagens reforça um ideal de família, e esses fatos corroboram para construção de estilos de ser e estar na sociedade naquele período.

Outro achado, que também fez parte da alfabetização canapolina no período em que predominou o método analítico foi o pré-livro- **Os Três Porquinhos**.

Capa do Pré-livro: Os três Porquinhos – 1984  
Fonte: Arquivo particular da professora Leny G. Fransozi



Após colaborar significativamente na divulgação desta metodologia de ensino da leitura e escrita no estado mineiro, foi apenas no ano de 1954 que a própria Lúcia Casasanta lança o seu primeiro pré-livro<sup>1</sup>, *Os três porquinhos*,

*É um pré-livro porque vai iniciar a criança no aprendizado da leitura, conduzindo-a aos livros que virão é também um pré-livro porque ainda não é um livro, vai sendo construído como livro pelos alunos: inicialmente, o aluno recebe apenas a capa do livro, e as lições vão sendo agregadas à medida que são trabalhadas, de modo que, ao findar todas as lições, o aluno terá construído o seu pré-livro. [...] A cartilha já era um livro pronto, com textos 'fabricados' com o objetivo de se trabalhar determinado vocábulo, não levava em conta os interesses das crianças. Diferentemente, o pré-livro era um material didático básico para iniciar o aluno na aprendizagem da leitura, desenvolvido e acrescido com o uso de jogos, leituras suplementares e intermediárias. (MACIEL, 2001: 74)*

Casasanta é ousada em sua obra, a mesma parte de um conto muito conhecido, a história dos três porquinhos, transformando-o em treze lições, para o artifício de alfabetizar crianças. Esse fato diferenciava o trabalho da autora com o sucesso da época *O livro de Lili*, pois ela partia de algo já conhecido - texto, porém fazendo a apresentação do novo – vocabulário.

As características do manual enaltecem o que Maciel ressalta sobre os pré-livros: “texto com sequência lógica; frases curtas; escritas cada uma em uma linha; pontuação variada; repetição das palavras; uso de letras maiúsculas; cinco sentenças”. (2001, p.136).

A estrutura dele mais uma vez esclarece a base metodológica do Método Global, partindo do todo – texto, para as partes – sentenças. Assim como a estrutura, a configuração visual é um elemento definitivo na aprendizagem deste método. Para tanto, Maciel, salienta algumas questões sobre a importância da visualização do texto, “ as sentenças expressas, não deveriam exceder o tamanho da linha, para que não houvesse movimentos regressivos dos olhos” (MACIEL, 2001:136).

Casasanta também faz algumas orientações sobre a estrutura dos pré-livros

*para iniciar as quatro primeiras lições, o pré-livro deveria conter de três a quatro sentenças, sem se descuidar dos aspectos visuais delas. O perfil da sentença não deveria ser simétrico, pois os acentos, as letras ascendentes e*

<sup>1</sup> “Um dos mecanismos utilizados pelos educadores escolanovistas para estimular novos hábitos de leitura. Aproximar leitores e livros, constituir leitores proficientes não apenas para saber selecionar informações, mas para apropriar-se delas”. (BEIRITH, 2008:5)

*descendentes, os pingos nos is, os sinais de pontuação, as maiúsculas, as letras dobradas facilitariam o reconhecimento e ajudariam na memorização desses traços lingüísticos. (MACIEL, 2001: 135-136)*

Juntamente com o manual dos alunos e do professor acompanhavam os cartazes com as leituras para serem trabalhados em sala de aula. Sobre estes, Maciel 2001 relata,

*Fazia parte do pré-livro a reprodução das lições e ilustrações apresentadas em cartazes grandes, visíveis a todos os que estivessem na classe. Os cartazes eram o principal material de apoio dos professores. Antes de iniciar a lição, essa era amplamente explorada nos cartazes; só depois os alunos recebiam a cópia da lição. Para cada novo cartaz apresentado, a professora deveria seguir todos os dez passos da fase do conto. (MACIEL, 2001:132).*

O livro do mestre é outro complemento indispensável no trabalho com a alfabetização, o mesmo facilitava o trabalho do professor/alfabetizador, pois este apresentava detalhadamente as etapas a serem desenvolvidas no ensino da leitura e escrita às crianças. Outra questão importante de mencionar é o acréscimo das páginas com as leituras, quando se ia avançando no número de lições, a quantidade de páginas também aumentavam.

Lúcia Casasanta descreve que a proposta metodológica, disponível no pré-livro é a mesma que está no *Manual da Lili* assim como no Programa de Ensino de Minas Gerais vigente até o ano de 1964, Maciel (2001).

Conclui-se que o processo de alfabetização em Canápolis no segundo período foi marcado pela presença do método analítico/global, que estabelece como base metodológica o todo para as partes.

### **Considerações Finais**

A interrupção da escrita não significa a conclusão sobre a tematização pesquisada, mas sim o momento de algumas considerações finais sobre a mesma.

Resultado de um processo que envolveu muitas leituras, discussões com outros pesquisadores e principalmente análises de documentos e cartilhas de alfabetização.

Assim, ao longo da pesquisa, empreendemos uma articulação entre o nosso olhar, o ler, o analisar e o compreender, construir algumas respostas para a pergunta inicial: Como se

construiu o contexto histórico da alfabetização no Município de Canápolis-MG no período de 1933 à 1971?

É importante salientar que alguns documentos da análise, apesar de não ter um valor histórico claramente definido como fonte documental, nos forneceram importantes pistas para se perceber que o processo de aquisição da leitura e da escrita já era alvo de discussões e preocupações no início do século XX em Canápolis-MG.

Por fim, abordamos o contexto histórico da alfabetização em Canápolis-MG, onde todos os indícios encontrados, nos levou a acreditar que a alfabetização canapolina no período da pesquisa foi marcada por dois métodos de alfabetização distintos e emaranhados entre si - sintético e analítico.

## Referências

AMÂNCIO, Lázara N. de B. **Cartilhas, para quê?** Cuiabá, EdUFMT, 2002.

BRASIL. Ministério de Educação e Cultura. **LDB - Lei nº 9394/96**, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da Educação Nacional. Brasília : MEC, 1996.

CASASANTA, Lúcia M. **As mais belas histórias: pré-lrivo**. Belo Horizonte: Editora do Brasil em Minas Gerais, 1984.

CELLARD, A. A análise documental. In: POUPART, J. et al. **A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos**. Petrópolis, Vozes, 2008.

FONSECA, Anita. **O Livro de Lili- Método Global**. Manual do Professor. São Paulo: Editora do Brasil S/A, 1956.

\_\_\_\_\_. **O livro de Lili (cartilha)**. 87ª. Edição. Coleção Didática do Brasil, Série Primário, vol.15. São Paulo: Editora do Brasil S/A, 1961.

FRADE, Isabel C. da Silva. **Alfabetização hoje: onde estão os métodos?** In: Revista Presença Pedagógica. Dimensão, v. 9, n. 50. mar/abr., 2003.

FRADE, Isabel C. da Silva; MACIEL, Francisca I. P. **História da alfabetização: produção, difusão e circulação de livros MG/RS/MT – Séc. XIX e XX**. Belo Horizonte: UFMG/FAE, 2006.



GALHARDO, Thomaz. **Cartilha da Infância**- Ensino da Leitura- Manual do aluno. 194ª ed. São Paulo: Livraria Francisco Alves, 1939.

MACIEL, Francisca I. P.; FRADE, Isabel C. da S. A história da alfabetização nas cartilhas escolares: práticas pedagógicas, produção e circulação em Minas Gerais, (1834-1997) **In: Anais II Congresso de Pesquisa e Ensino em História da Educação em Minas Gerais.** Uberlândia: EDUFU, 2004.

MACIEL, Francisca I. P. **Lúcia Casassanta e o método global de contos:** uma contribuição à história da alfabetização em Minas Gerais. 2001. Tese (Doutorado) – Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2001.

MACIEL, Francisca. **Alfabetização.** Brasília: MEC/INEP/COMPED (série Estado do Conhecimento), 2000.

MONARCHA, Carlos. História da Educação Brasileira: esboço da formação do campo. In: Nascimento, T. et al. **Instituições Escolares no Brasil:** conceito e reconstrução histórica, Campinas: Autores Associados, 2001.

MORTATTI, Maria do Rosário Longo. **Uma proposta para o próximo milênio:** o pensamento interacionista sobre alfabetização. Belo Horizonte: 1999.

\_\_\_\_\_. **Os sentidos da Alfabetização.** São Paulo: Editora UNESP, 2000.

\_\_\_\_\_. **Cartilhas de alfabetização e cultura escolar:** um pacto secular. Campinas: Cadernos Cedes, Ano XX, n° 52, 2000.

\_\_\_\_\_. **História dos Métodos de Alfabetização no Brasil.** In: Conferência promovida no Seminário de Alfabetização e Letramento em Debate. Brasília, 2006.

\_\_\_\_\_. **Cartilha de Alfabetização e Cultura Escolar:** Um Pacto Secular. Caderno Cedes, Unicamp, ano XX, n. 52, p. 45, nov. 2000. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/cedes/v20n52/a04v2052.pdf> acesso em 22 de novembro de 2008.

\_\_\_\_\_. **História dos Métodos de Alfabetização no Brasil.** 2006. Disponível em: [http://www.seb/arquivos/pdf/Ensfund/alf\\_mortattihisttextalfbbr.pdf](http://www.seb/arquivos/pdf/Ensfund/alf_mortattihisttextalfbbr.pdf) Acesso em 15 de novembro de 2008.

ROMANELLI, Otaíza de Oliveira. **História da Educação no Brasil:** (1930/1973). 37ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

SANTOS, Sônia Maria. **Histórias de Alfabetizadoras Brasileiras: entre saberes e práticas.** 2001. 335 f. Tese (Doutorado em Educação) – PUC, São Paulo, 2001.

SAVIANI, Demerval. **História da idéias pedagógicas no Brasil.** Campinas/SP: Autores Associados, 2008.

SOARES, Magda Becker. **Língua escrita, sociedade e cultura: relações, dimensões e perspectivas.** Revista Brasileira de Educação, São Paulo, n. 0, p. 5-16, Set./Dez 1985.

SOARES, Magda e MACIEL, Francisca I. P. **Alfabetização no Brasil, o estado do conhecimento.** MEC/INEP/ Brasília: Comped/Inep, 2000.

SOARES, Magda; MACIEL, Francisca I. P. **Alfabetização no Brasil: o estado do conhecimento.** Brasília. Inep/ Comped, 2001.

VEIGA, Cynthia G. **Cultura material escolar no século XIX em Minas Gerais.** In: Congresso Brasileiro de História da Educação, 1, Anais. Rio de Janeiro: SBHE, 2000. 1 CD.

VEIGA, Ilma Passos A. **Profissão professor: até quando?** Pleiade, v.1, p.29-50, 2007.